



14 a 18 de Novembro de 2014

ConFAEB

Ponta Grossa - PR

II CONGRESSO INTERNACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES
XXIV CONGRESSO NACIONAL DA FEDERAÇÃO DE ARTE/EDUCADORES DO BRASIL



DEPARTAMENTO DE ARTES

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA

FEDERAÇÃO DOS ARTE/EDUCADORES DO BRASIL (FAEB)

Tema: Arte/Educação Contemporânea:
metamorfoses e narrativas do ensinar/aprender.

Modalidade: (Comunicação Oral, Slides) GT: (Artes Visuais)

Eixo Temático: (9. Metamorfoses e narrativas na formação inicial e continuada do professor de Artes Visuais e na Pedagogia)

EXPERIMENTANDO UMA DIDÁTICA PARA O ENSINO DAS ARTES VISUAIS

Ana Claudia Sousa Farias (CENTRO DE ARTES/URCA/ CE/BR)
Fábio José Rodrigues da Costa (CENTRO DE ARTES/URCA/CE/BR)

RESUMO

Este artigo pretende relatar minhas experiências na disciplina Didática do Ensino das Artes Visuais I, ofertada no quinto semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes da Universidade Regional do Cariri – URCA. A disciplina foi ministrada pelo professor Dr. Fábio Rodrigues, no período que compreende o semestre de 2014.1 de fevereiro a julho, que nos desafiou a conhecer materiais que possam ser explorados em aulas de Artes Visuais, desde o estado bruto, da sua concepção a utilização; conhecer também artistas que se utilizam desses materiais na produção de suas obras. A discussão que norteia este artigo parte do processo criativo ao pedagógico, passando inclusive pelas experiências que não foram bem sucedidas, mas que contam como enredo do processo de experimentação artística e didática/pedagógica. Para tanto usamos como referencias o pensamento de FERRAZ e FUSARI (1999), e COSTA, (2010).

Palavras – Chaves: Experiência, Processo Criativo, Didática

EXPERIENCING A TEACHING FOR TEACHING VISUAL ARTS

ABSTRACT

This article intends to relate my experiences in the discipline Didactic Teaching of Visual Arts I, offered in the fifth semester of the Bachelor of Visual Arts Regional Arts Center University of Cariri - URCA. The course was given by Professor Dr. Fábio Rodrigues, the period comprising the first half of 2014.1 February to July, which challenged us to discover materials that can be exploited classes in Visual Arts from the raw state, its design use ; also meet artists who use these materials in the production of his works. The discussion that guides this article part of the creative learning process, including going through the experiences that were not successful, but that count as the storyline of artistic and didactic / pedagogical experimentation process. Used as references for both the thought and FUSARI Ferraz (1999), and COSTA, (2010).

Key - Words: Experience, Creative Process, Teaching

1. Introdução

Desde a primeira aula da disciplina de Didática do Ensino das Artes Visuais I, ficou claro a necessidade da pesquisa sobre materiais que poderiam ser utilizados para aula de artes visuais. Nessa busca, fui impactada pela variedade e quantidade de materiais que embora tidos como não “nobres” são utilizados para produção de trabalhos

artístico, ao menos em minha concepção. Pude perceber o que se pode fazer com um pedaço de carvão, por exemplo, unindo isso à pesquisa, experimentação e fazer artístico, descobri um universo de possibilidades ao me deparar com artistas da importância de Gil Vicente em sua série *Inimigos*, mostrando seus desenhos feitos com carvão, fazendo com que o trabalho artístico vire literalmente uma arma apontada para questões de cunho social/político e trazendo o artista como protagonista de seus próprios trabalhos, também conheci o trabalho da artista americana *Heather Hansen* que usa o corpo e um pedaço de carvão numa performance criando desenhos, de onde a linha emerge de seus gestos. Em seguida fomos motivados a conhecer sobre a fotografia e o desenho com luz, e o professor nos trouxe o conhecimento sobre a artista japonesa *Yayoi Kusama* e sua exposição “Obsessão Infinita” que esteve no Brasil no Instituto *Tomie Ohtake* em São Paulo no período de 22 de maio a 27 de julho do ano em curso.

Essa provocação converge para o pensamento de Ferraz e Fusari (1999) quando afirmam que:

Os componentes do processo artístico (artistas, obras, público, comunicação) e as histórias de suas relações podem tornar-se fontes instigantes para a organização e desdobramento dos tópicos de conteúdos programáticos escolares, tanto no que se refere ao fazer como também ao pensar a arte pelos estudantes. Os conteúdos programáticos em arte devem incluir, portanto: as noções a respeito da arte produzida e em produção pela humanidade, inclusive nos dias de hoje (incluindo artistas, obras, espectadores, comunicação dos mesmos) e a própria autoria artística e estética de cada aluno (em formas visuais, sonoras, verbais, corporais, cênicas, audiovisuais). Isto significa trabalhar com os estudantes o fazer artístico (em desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, música, dança, teatro, vídeo etc.) sempre articulado e complementado com as vivências e apreciações estéticas da ambiência cultural. (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 20).

Foi quando passei a perceber o esforço do professor por nos fazer compreender uma Didática para o ensino das artes visuais, unindo a pesquisa à prática artística para assim alcançar o domínio, ou seja, a compreensão daquele conteúdo a ser comunicado em sala de aula, o que para nós que estamos em um curso de Licenciatura é essencial, compreendi que para ensinar é preciso ter o máximo de conhecimento possível sobre o assunto, experimentar, se lançar, claro, tudo isso embasado pela pesquisa, pela busca do conhecimento, observando artistas que já usam determinado material, lendo teóricos e artistas que se referem, também, a utilização de materiais, melhorando assim o trabalho, através do estudo do mesmo. Todo esse universo nos deixou encantados com tantas possibilidades a serem usadas nas salas de aula quando estivermos no Estágio Supervisionado em Ensino das Artes Visuais, nas Oficinas do PIBID em Artes Visuais e, claro, quando estivermos graduados e atuando como docentes.

Realmente existe uma diferença no estar em sala de aula com uma didática específica, pois o estudante percebe quando o professor fala aquilo que vive e acredita, e isso se comprova por meio do conhecimento que ele comunica aos estudantes, como o contrário também acontece, foi o que percebi em um trabalho que fiz logo no primeiro semestre, onde pude observar aulas de artes nas escolas públicas de Juazeiro do Norte que eram ministradas por profissionais de outras áreas, como por exemplo: professores de matemática dando aulas de artes, devido à enorme carência do profissional arte/educador na região do cariri cearense.

No entanto, a Didática das Artes Visuais, como a concebo, não se propõe a

dizer ao professor de Artes Visuais ou Arte/Educador como ele deve ensinar, mas sim, como ele conhece, aprende, comprehende as pedagogias contemporâneas e seus modelos educativos para a educação visual ou para a decodificação das visualidades do tempo presente. É no currículo da licenciatura em Artes Visuais ou similares que se dá a inserção dessa didática, o que impõe a (re)conceitualização dos currículos destinados à formação inicial do professor. (COSTA, 2010, p. 128)

E nisso conseguimos dialogar com o professor durante o decorrer da disciplina ao nos disponibilizarmos em nos lançar em sua proposta. E inquietações como por exemplo: enquanto artista, e futura professora e pesquisadora, como devo me colocar em relação a minha própria experimentação artística?

2. Reagindo a uma provocação, que material eu levo?

O professor nos instigou a irmos além, e ao conhecer o material a ser trabalhado e quais artistas se utilizam dele, também conhecer o seu processo de produção. O que nos causou a princípio um certo medo, medo esse gerado pela falta de hábito de refletir e pesquisar sobre o processo de produção dos materiais. Minha primeira tentativa foi o lápis de cor, fiz alguns trabalhos, pesquisei artistas que usam esse material e levei para apresentar em sala de aula, porém, o professor me levou a avançar e ultrapassar esse pensamento pequeno de comprar as coisas prontas para o uso, e essa tentativa com o lápis de cor não foi bem sucedida e tive que refazer o trabalho, pois o professor queria que eu conhecesse de onde vem o lápis de cor, que eu pesquisasse sobre o seu processo de fabricação, segundo ele seria muito fácil para eu fazer um desenho no papel Canson e, simplesmente, apresentar o trabalho, então falou que eu deveria conhecer mais sobre, e pediu que eu parasse minha apresentação e repensasse o que deveria pesquisar de fato.

Foi aí que de tanto pesquisar sobre o lápis de cor, cheguei no *grafite*, em sua forma mais rudimentar: o carvão bruto. Conheci o processo de extração do carvão, a industrialização, como é vendido para as empresas, o preço elevado que o consumidor adquire o carvão industrializado na gráfica, e resolvi aprender a fazer o meu próprio carvão, pesquisei esse processo, me deparei inclusive com uma dissertação sobre o assunto da fabricação do carvão caseiro, munida pelo conhecimento adquirido por meio da pesquisa, parti da teoria para a prática. Usando uma lata que encontrei no lixo e galhos de uma goiabeira que tem na universidade, levei esse material para casa e comecei o trabalho de produção do carvão: a casa ficou cheia da fumaça da goiabeira, mas o resultado final foi um trabalho onde pude fazer um desenho (Imagem 1), me utilizando desse carvão produzido por mim, o que comprovei que é muito mais viável financeiramente e, consequentemente, facilitará no futuro quando estiver como docente em sala de aula, trabalhando com meus alunos.

Imagen 1 Desenho com carvão de Ana Claudia



Fotografia de Ana Claudia, arquivo pessoal

Apresentei o trabalho, a forma como foi concebido por meio da pesquisa, bem diferente da primeira experiência com o lápis de cor, onde percebi que tudo era muito sem conteúdo, sem domínio, sem conhecimento, aquele conhecimento que se adquire quando você estuda e se compromete com aquilo que faz. Gostei bem mais, inclusive utilizar o carvão que produzi me proporcionou o conhecimento sobre a textura e diferença que existe entre o carvão caseiro e o industrializado. Gostei da experiência, me senti mais segura, levei inclusive o meu processo de fabricação do carvão para apresentar em sala de aula ao professor e aos colegas, o que posso afirmar que aprendi bem mais, e obtive mais proveito com o estudo em questão.

Em seguida conhecemos o trabalho da artista japonesa Yayoi Kusama, mas de uma forma bem inusitada, o professor primeiro levou uma animação para assistirmos em sala projetando sobre um painel. A animação narrava a história de dois garotos muito amigos e uma garota que teria ficado fã de um desses garotos, mas, a admiração da garota passou dos limites e estava beirando à obsessão. Depois de apresentar essa animação o professor nos falou sobre obsessão¹, e nos mostrou como nessa animação a artista Yayoi Kusama é citada na roupa da personagem da garota que seria o indivíduo obcecado na animação. Particularmente fiquei impressionada com a importância do trabalho artístico onde a vida do artista está intrínseca à sua obra.

¹ Segundo o site Significados.com.br, Obsessão é: o substantivo feminino que significa um comportamento de importunar ou perseguir alguém de forma insistente. Também pode indicar um estado de preocupação permanente em relação a alguma coisa. Uma obsessão consiste em uma ideia fixa e persistente que determina a conduta de uma pessoa, conduzindo a comportamentos que frequentemente são contra a vontade da pessoa obcecada. Muitas vezes as obsessões são acompanhadas de uma sensação de medo e podem se desenvolver de forma patológica, dando origem a uma neurose obsessiva.

Para tanto, o professor nos desafiou a pensarmos sobre nossa própria obsessão, se tínhamos ou não, o que seria seu significado, e nos fez falar a respeito, alguns de imediato já falaram do que os perturbavam, outros ficaram um pouco receosos com a conversa e, em meu caso, procurei observar a mim mesma, meus comportamentos, o que poderia se apresentar como obsessão, me perceber melhor, busquei trabalhar em mim a percepção, esse tema levou cerca de quatro aulas, na primeira aula, após a conversa, ele nos entregou uma folha de papel kraft 110g, onde pediu que representássemos essa suposta obsessão ainda em sala. Apresentamos nossas primeiras aproximações a temática com algumas indecisões sobre se realmente representávamos nossas obsessões ou não. Em seguida, o professor nos pediu para observarmos com atenção se termos obsessões ou consultássemos pessoas próximas que identificassem uma possível obsessão em nosso comportamento diário. Solicitou que utilizando o papel Kraft 110g como suporte, fizéssemos uma representação da obsessão encontrada ou sugerida por outros.

Conversei com familiares e amigos sobre o assunto, perguntando-lhes sempre se eles viam em mim algum sinal de obsessão, já que eu não percebia nada, alguns se arriscaram a falar, e elegeram o gosto exagerado por beber café como uma obsessão, o que acatei, identifiquei também que, o que poderia fazer parte de uma obsessão pessoal seria o escrever poemas, e o gosto por desenhar linhas curvas, em especial desenhar cabelos e outro poderia ser o encantamento que sinto pela chuva e por observar pessoas olhando a chuva. Trabalhando em mim a percepção, julguei ter encontrado a minha obsessão, mesmo sem considerar tê-la, representei isso de três formas: desenho da figura feminina onde no cabelo coloquei o elemento café, suposta obsessão que me foi apontada por alheios (Imagem 2), em outro, construí um objeto onde escrevi poemas (Imagem 3) e, por fim, tentei representar pessoas observando a chuva, mas infelizmente o registro desse trabalho se perdeu.

Imagen 2. Desenho com giz pastel e café sobre Papel Kraft



Fotografia de Ana Claudia, arquivo pessoal.

Imagen 3 Imagem da Capa e do Interior do Livro/Objeto



Fotografia de arquivo pessoal.

O trabalho com a percepção é de fundamental importância para o arte/educador, por se tratar de um aguçar a criatividade, e o que em sala de aula facilitará o envolvimento do professor com os alunos e o processo criativo de cada educando sem, contudo perder suas individualidades. Discorrendo sobre o desenvolvimento da percepção Ferraz e Fusari recorrem a Gardner quando dizem que:

Á medida que trabalhamos para desenvolver a percepção ajudamos a “ver melhor, ouvir, fazer discriminações sutis e ver as conexões entre as coisas” (Gardner em entrevista à Brandt, 1988, p. 32,) Isto nos leva a uma proposição para o ensino-aprendizagem de arte fundamentada na educação da percepção e do seu efeito sobre a constituição do pensamento artístico e estético. (FERRAZ e FUSARI, 1999, p. 59)

Tendo apresentado o trabalho em sala de aula, o professor pediu que refizesse, e me fez enxergar que eu teria feito aquele trabalho sem o compromisso necessário da percepção, e sim para cumprir uma tarefa de disciplina, pois realmente o café não poderia ser como ele falou minha obsessão já que não tenho ideia fixa pelo líquido, e tão pouco poderia a chuva e a observação de pessoas admirando o tempo chuvoso ser uma obsessão já que em nossa região quase não chove, dentre esses três trabalhos o que mais se aproximou da proposta teria sido o objeto que construí, mas ele mandou refazer porque uma das características da obsessão é a repetição e no objeto construído por mim, os poemas não se repetiam. Então diante de minha dificuldade em identificar a minha obsessão o professor pediu que eu imaginasse ter uma e procurasse representá-la.

O professor de Didática do Ensino das Artes Visuais tem como referência o pensamento de Ana Mae Barbosa e John Dewey. Procura articular nossa aprendizagem com o ver, fazer e contextualizar.

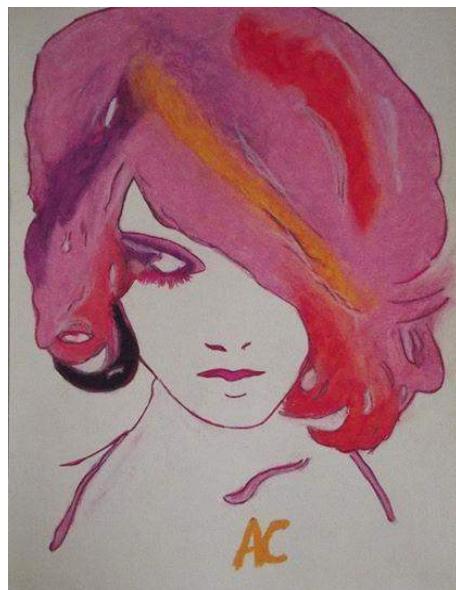
Recentemente, no período de 5, 6 e 7 de maio/2014, a própria Ana Mae Barbosa esteve presente ao III Encontro Internacional sobre Educação Artística promovido pelo Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos – GPEACC/CNPQ do Centro de Artes de nossa universidade, em sua participação, Ana Mae ressaltou as experiências (pesquisas) ao longo de sua profissão que não deram certo, daí a minha inspiração para a elaboração desse artigo ao relatar à exemplo da educadora, minhas experiências frustradas, mas que não foram perda de tempo, pois me ensinaram que é

possível melhorar, se nos atrevermos a tocar o mundo em nossa volta. Nós podemos criar coisas incríveis. A leitura dos livros de Ana Mae Barbosa e John Dewey em nosso curso são referência, e usamos o pensamento desses educadores em nossas reflexões. Portanto, considerei de grande aprendizado a oportunidade de refazer meu trabalho, porque aprendi que arte é conhecimento e experiência.

Esta (re)conceitualização propõe uma ruptura com os modelos modernos de formação inicial do professor por considerar que estes oferecem uma formação tecnicista que está fechada à argumentação. Considera, portanto, que a formação inicial do professor está concentrada fundamentalmente na experimentação que se aproxima do pensamento de Dewey (2004) e de seu sentido de “experiência reflexiva” promovida pelo pensar como um processo de indagação, de observação das coisas, de investigação. (COSTA, 2010, p. 130)

Procurei então me deter ao desenho, e procurei representar a minha suposta obsessão através de um avatar². Para compor o trabalho usei como suporte o papel kraft, colei três desenhos feitos em papel Canson A3 (Imagens 4 e 5) e, para fazer referência a artista *Yayoi Kusama* fiz pequenos pontos usando fita de seda, o que o professor desaprovou, e me orientou refazer o trabalho, pois estaria fugindo da proposta, como também o papel kraft não seria o melhor material para ser usado como suporte, sem contar que os pontos feitos com a fita de seda, comprometeram a estética do trabalho.

Imagen 4 Avatar de Ana Claudia, desenho com Giz Pastel



Arquivo Pessoal

A essa altura já estava tão preocupada com a situação de sempre refazer o trabalho que esqueci de registrar esse experimento montado, apenas registrei algumas partes como, por exemplo, os desenhos feitos no papel Canson A3.

² Representação de si mesmo, com o objetivo de se personificar, para demonstrar uma autoimagem em ambientes virtuais. Fonte: Dicionário Online de Português.

Imagen 5 Fotografia de desenho de Avatar de Ana Claudia



Arquivo pessoal

De fato, o trabalho poderia ter ficado melhor, pois quis simplesmente desenhar, não pensei como iria expor em sala de aula essa experimentação. Não consegui perceber que deveria pensar em uma composição como objeto artístico, fiquei em uma grande confusão de ideias e indecisões de como fazer um trabalho que correspondesse as expectativas.

3 Experimentando o fazer artístico: A concepção do trabalho “Todas sou Eu”

Comprovada a minha indecisão quanto o que fazer para apresentar um trabalho dentro da proposta na disciplina, tendo como referência a artista Yayoi Kusama que se utiliza de sua obsessão na elaboração de seu trabalho artístico, o professor me ajudou na concepção da ideia do trabalho, que denominei “Todas sou Eu”, ele me propôs que observasse minha percepção sobre mim mesma no mundo, e ressaltou que uma grande característica que eu deixava evidenciar seria a vaidade, e que eu poderia fazer um trabalho onde minha obsessão estaria pautada justamente em mim. Pediu que de início anotasse em um caderno quantas vezes por semana eu me olharia no espelho, e anotasse o que naquele momento me motivava a fazê-lo e como me sentia com essa situação. Confesso que considerei fácil a tarefa, mas ao longo de sua construção me deparei com algo muito instigante e complexo. Mais uma vez iniciei o percurso da busca, pesquisas e mais pesquisas, conhecendo trabalhos de artistas que pudessem servir como referência para a construção do trabalho que pela terceira vez seria refeito, foi quando percebi que poderia fazer algo relacionado a um autorretrato, tomei conhecimento de uma exposição “Espelho de Artista” organizada pelo Museu de Arte Contemporânea MAC/USP, e exibida na Galeria de Arte do SESI do Centro Cultural FIESP que aconteceu em março de 2001 na qual reunii 60 artistas com propostas de autorretrato sob a curadoria de Kátia Canton, e percebi que poderia me colocar dentro dessa proposta de trabalhar a autoimagem.

As provocações do professor nas aulas somando-se com as leituras e discussões

levaram a entender que arte é um fazer conceituado, segundo Ana Mae Barbosa:

Leitura de obra de arte é questionamento, é busca, é descoberta, é o despertar da capacidade crítica, nunca a redução dos alunos a receptáculos das informações do professor, por mais inteligentes que elas sejam. A educação cultural que se pretende com a Proposta Triangular é uma educação crítica do conhecimento construído pelo próprio aluno, com a mediação do professor, acerca do mundo visual e não uma “educação bancária”. A Proposta Triangular é construtivista, interacionista, dialogal, multiculturalista e é pós-moderna por tudo isto e por articular arte como expressão e como cultura na sala de aula, sendo esta articulação o denominador comum de todas as propostas pós-modernas do ensino da arte que circulam internacionalmente na contemporaneidade. (BARBOSA, 1998, p.40)

Embasaada pela pesquisa, tendo a exposição “Espelho de Artista” como inspiração para essa experimentação artística, construí uma caixa com 7cm de largura por 24 de altura e 34cm de comprimento, na qual colei espelhos em seu interior com a intenção de fixar fotografias 3x4 minhas, mas logo percebi que não obteria um bom resultado e acabei desistindo. Após dias de reflexão, continuei pensando na proposta de anotar quantas vezes me olharia no espelho e o que sentia a respeito disso, então, percebi que poderia criar um livro, mas sem a visualidade de um livro, me utilizando apenas das características para tal.

Aproveitei uma caixa de 40cm de altura por 28cm de comprimento, pintei sua superfície de preto, usando tinta aquarela, e fiz recortes de imagens de modelos e de palavras que falam da beleza feminina, como também de imagens de perfumes, batons e produtos de beleza, tais imagens foram retiradas de revistas de moda, fiz a colagem naquilo que seria a capa do livro, e dentro da caixa colei espelhos, em uma das partes fixei ao espelho fotografias de desenhos que fiz de avatares me representando diante do espelho, me refletindo e me impulsionando a olhar para além dele.

Alguns dos desenhos usados nessa experimentação foram feitos para atender a proposta em questão que resultou nesse artigo, outros já havia feito, mas que dialogavam com a experiência, como se supõe que em um livro tem palavras, fiz poemas para anexar ao trabalho, mas com um detalhe: as palavras poderiam mover-se de acordo com a vontade do espectador, se caso o trabalho fosse exposto, na outra parte da caixa colei o outro espelho, em uma folha Canson A3, fiz dobraduras e em cada dobra desenhei um avatar, anexei de tal forma que representassem minha imagem diante do espelho, me oferecendo assim pistas para viver a experiência da autoimagem por ângulos muito diversos, obtidos com o anexar a caixa ao papel Canson criteriosamente dobrado adentrando com isso no universo lúdico do espelho, no outro lado da folha Canson A3, anexei as dobraduras poemas, cujas palavras poderiam mudar de lugar formando assim outras frases, simbolizando a instabilidade de nossas emoções.

Escrevi a frase “Eu hoje me vi no espelho” na quantidade de vezes em que me vi no espelho naquela semana, e na terceira dobra, escrevi como me sentia usando as palavras que se moviam, mas metamorfoseando as minhas sensações e emoções, a esse trabalho denominei “Todas sou Eu” (imagens 6, 7 e 8), propondo com essa experimentação um diálogo sobre imagem refletida no espelho, a imagem fotográfica, a imagem abstraída, a imagem que cada um faz de si mesmo.

Imagen 6 Fotografia da tampa da caixa do trabalho *Todas sou Eu*



Arquivo Pessoal

Imagen 7 e 8 Fotografias do interior da caixa do trabalho *Todas sou Eu*



Arquivo pessoal

Depois de construído o trabalho, apresentei em sala de aula, o professor considerou que se aproximou da proposta, fez algumas ressalvas, mas referiu-se de forma positiva principalmente ao processo estético do objeto e sugeriu um outro trabalho tendo como referência o “Todas sou Eu” desta vez utilizando o espelho para fazer um Livro de Artista. Os colegas fizeram algumas perguntas a respeito da construção do trabalho, como eu teria chegado naquele resultado, os colegas interagiram com o objeto ao mover as palavras, puxando o papel para verem refletidas no espelho a imagem dos avatares.

Para Costa (2010) a formação inicial do professor deve favorecer a autonomia alcançada por meio do processo de conhecer e seus processos de estruturação desse conhecimento, através de nossas percepções físicas e conceituais.

Nesse sentido, a formação inicial do professor deve promover uma reconhecimento e uma reinvenção de seus próprios sujeitos, uma vez que essa formação está orientada pelo pensamento pós-formal que se ocupa da desconstrução da forma absolutista de certeza. O pensamento pós-formal está atento ao uso dado à cognição pela educação contemporânea e identifica duas formas distintas de tratá-la. Em uma, se detecta uma concepção que se dedica à manipulação da cognição, e na outra, uma educação para o desenvolvimento cognitivo ou emancipatório. (COSTA, 2010, p. 130-131)

Foi importante para mim a experimentação e pesquisa para tal, o construir com o professor esse processo, que por vezes precisei desconstruir ideias, técnicas e me ater a fundamentação teórica. Focar na proposta lançada em sala de aula, pois percebi que poderia me distanciar daquilo que foi pedido pelo professor e não viver essa experiência devido a excessiva preocupação com o resultado final, sem atentar para o processo criativo, adquirindo assim a autonomia por meio do conhecimento do meu próprio processo, estudo do objeto artístico, e flexibilidade para refazer o que precisa ser refeito, primando por uma composição bem elaborada, fruto da experiência e embasada na pesquisa que me favoreceu o domínio que veio com o treino, a repetição. Percebendo-me enquanto futura arte/educadora a visar quais as práticas artísticas e pedagógicas que devo assumir em sala de aula.

4. Considerações Finais

A conclusão a que chego com esse artigo e as experiências vivenciadas nas aulas de Didática do Ensino das Artes Visuais I, é que a construção do conhecimento é um processo gradativo e que exige dedicação e pesquisa. E muito mais que conhecer Arte é o ter a experiência artística, sem medo de se lançar, experimentando novos olhares, novas formas de pensar, buscando conhecer sobre os materiais e o que já vem sendo feito no universo da Arte com diferentes materiais, isto é, conhecendo também o processo criativo de outros artistas, lê muito sobre, pensar sobre, escrever sobre, compartilhar experiências, e por meio dessa autonomia adquirida através do conhecimento construir meus próprios argumentos sobre como eu enxergo o mundo através da Arte, fazendo dos meus experimentos possibilidades de reivindicação de meu próprio trajeto como futura arte/educadora e artista.

Nisso, poéticas pessoais foram desveladas, principalmente pela oportunidade de criação sem a preocupação de seguir desafios externos, é o processo de conhecer para experimentar pelo processo, de conhecer para experimentar.

A criação de uma série de trabalhos, investigando e explorando ao máximo os aspectos tratados durante o semestre experimentando uma didática para o ensino das artes visuais, potencializou sem dúvidas a minha formação enquanto estudante do curso de Licenciatura em Artes Visuais. Sendo para mim, esse o grande desafio.

5. Referências

BARBOSA, Ana Mae. **A Imagem no ensino de arte**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

COSTA, Fábio José Rodrigues. **Das Utopias à realidade**: é possível uma didática específica para a formação inicial do professor de Artes Visuais? IN BARBOSA, A.M. e CUNHA, F.P.(orgs). **Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.

FERRAZ, Maria Heloísa C. De T., FUSARI, Maria F. De Rezende. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1999.

Dicionário Online de Português, disponível em: <http://www.dicio.com.br/avatar>, acesso em: 17/07/2014.

Significados.com.br, disponível em: <http://www.significados.com.br/obsessao/>, acesso em: 17/07/2014

Ana Claudia de Sousa Farias

Estudante do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes Reitora Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau da Universidade Regional do Cariri - URCA. Bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência 2012 a 2014.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2224323369370945>

Fábio José Rodrigues da Costa

Coordenador do DINTER Artes UFMG-URCA (2013-2016), Chefe do Departamento de Artes Visuais, Líder do Grupo de Pesquisa Ensino da Arte em Contextos Contemporâneos - GPEACC/CNPq, Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ensino da Arte – NEPEA. Professor do Curso de Licenciatura em Artes Visuais do Centro de Artes Reitora Violeta Arraes Gervaiseau da URCA2011.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8911805265683899>